

A Hermenêutica do Sujeito de Michel Foucault

Resumo da aula de 17 de março de 1982, proferida por Foucault no Collège de France

Parte do Curso Preparatório para o II Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura: Ética e Estética da Existência

Nova Lima, 13 de novembro de 2009

Por ***Gustavo Cerqueira Guimarães***

Psicólogo, Mestre em Teoria da Literatura e Doutorando em Literatura Comparada pela UFMG

Sumário da 1ª hora de aula:

1. Observações suplementares sobre a significação das regras de silêncio no pitagorismo;
2. Definição da “ascética”;
3. Balanço concernente à etnologia histórica da ascética grega;
4. Retomada do Alcibíades: a inflexão do ascético sobre o conhecimento de si como espelho do divino;
5. A ascética dos séculos I e II: uma dupla desvinculação (relativamente: ao princípio de conhecimento de si; ao princípio de reconhecimento do divino);
6. Explicação da fortuna cristã da ascética helenística e romana: a rejeição da gnose;
7. A obra de vida;
8. As técnicas de existência, exposição de dois registros: o exercício pelo pensamento; o treino em situação real;
9. Os exercícios de abstinência: corpo atlético em Platão e corpo resistente em Musonius Rufus;
10. A prática das provas e suas características;

Sumário da 2ª hora de aula:

11. A própria vida como prova;
12. O *De providentia* de Sêneca: a prova de existir e sua função discriminante;
13. Epicteto e o filósofo-explorador;
14. A transfiguração dos males: do antigo estoicismo a Epicteto;
15. A prova na tragédia grega;
16. Observações sobre a indiferença da preparação de existência helenística aos dogmas cristãos da imortalidade e da salvação;
17. A arte de viver e o cuidado de si: uma inversão de relação;
18. Sinal desta inversão: o tema da virgindade no romance grego.

- 1. Observações suplementares sobre a significação das regras de silêncio no pitagorismo**

- A seita pitagórica – alunos avaliados segundo seus traços fisiognomônicos
- O silêncio pitagórico → silêncio pedagógico (≠ para cada um / *akoustikoi* = ouvintes)
- Relação pedagógica (EDUCAÇÃO)
- Exercícios da seita pitagórica: “Aquele que estava em silêncio (...) escutava o que diziam os outros, não lhe sendo permitido nem fazer perguntas (...) nem anotar o que ouvira” (Aulo Gélío apud Foucault, p. 502).

O silêncio tem a função de exercitar a memória.

Exercitar algumas das ações mais difíceis para o homem durante não menos de dois anos: CALAR E ESCUTAR. Após passado o período no qual o aluno guardava o silêncio, ele poderia, então, falar e escrever.

Nos séculos posteriores ao de Pitágoras, o silêncio não é mais respeitado. Os alunos pensam saber de tudo. (Reflexão do paradoxo ensinar-aprender e a impossibilidade da transmissão da experiência.

Considerações acerca da importância do silêncio:

- silêncio e escuta como suporte primeiro de todos os exercícios de aprendizagem: “calar-se e escutar para que, na memória pura, se inscreva o que é dito, a palavra verdadeira dita pelo mestre” (p. 503).

- exemplos de aula 1 (aula do silêncio) e 2 (pergunta “verdadeira”); amizade e silêncio.

“Através das regras do silêncio e dos princípios da *parrehesía*, do franco-falar, tentarei estudar um pouco as regras de formulação, transmissão e aquisição do discurso verdadeiro. Sabemos que estes discursos verdadeiros devem constituir o equipamento necessário da alma, a *paraskeué* que permite aos indivíduos enfrentar, ou pelo menos estarem prontos para enfrentar, todos os acontecimentos da vida na medida em que eles se apresentem. É este, portanto, o primeiro suporte da *ascese*”. (p. 204).

2. Definição da “ascética”

Como atingir o discurso verdadeiro? Ou melhor, como praticá-lo?

Neste momento, diferentemente de apenas guardar o discurso na memória, de escutar – a recepção do discurso verdadeiro –, é o momento de praticar o discurso assimilado, transformá-lo

em *êthos*. Ou seja, “da ativação na própria atividade do sujeito, isto é, tornando-o sujeito ativo de discursos verdadeiros” (p. 504).

Ascese – exercícios dos quais o indivíduo espera perdão, purificação, salvação ou uma experiência espiritual qualquer, são “conotações muito particulares e se refere a uma atitude de renúncia, de mortificação; e não é disto que se trata, não de um ascetismo” (p. 504).

Ascética – é “o conjunto mais ou menos coordenado de exercícios disponíveis, recomendados, até mesmo obrigatórios, ou pelo menos utilizáveis pelos indivíduos em um sistema moral, filosófico e religioso, a fim de atingirem um objetivo espiritual definido. Entendo por “objetivo espiritual” uma certa mutação, uma certa transfiguração deles mesmos enquanto sujeitos, enquanto sujeitos de ação e enquanto sujeitos de conhecimentos verdadeiros” (p. 505).

3. **Balço concernente à etnologia histórica da ascética grega**

Foucault aborda rapidamente alguns exercícios da ascética na Antiguidade, afirmando que podemos analisá-la como uma questão técnica. “Ou seja, tratar-se-ia de definir, naquele momento, quais eram os diferentes exercícios prescritos ou recomendados, em que consistiam e se diferenciavam uns dos outros, e quais eram, para cada qual, as regras interiores a que deviam conformar-se. Poder-se-ia estabelecer um certo quadro que comportasse: as abstinências; a meditação, meditação sobre a morte, meditação sobre os males futuros; o exame de consciência, etc.” (p. 505).

Práticas xamânicas e técnicas de si encontradas na Grécia:

Regimes de abstinência-proezas; (suportar fome, frio); abstinências-provas (disputa para saber quem vai mais longe); concentração de pensamento e de fôlego; meditação sobre a morte.

4. **Retomada do Alcibíades: a inflexão do ascético sobre o conhecimento de si como espelho do divino**

“É o conhecimento de si, é o imperativo “conhece-te a ti mesmo” que recobre inteiramente e ocupa todo o lugar liberado pelo imperativo “cuida de ti mesmo”. “Cuida de ti mesmo” quererá finalmente dizer: “conhece-te a ti mesmo”. Conhece-te, conhece a natureza de tua alma, faz com que tua alma contemple a si mesma neste *noûs* e se reconheça em sua divindade essencial” (p 508).

5. A ascética dos séculos I e II: uma dupla desvinculação (relativamente: ao princípio de conhecimento de si; ao princípio de reconhecimento do divino)

Segundo Foucault, no pensamento cínico-estóico, o “reconhecimento de si mesmo como elemento divino não ocupa o lugar central que tem no platonismo e no neoplatonismo. Portanto, desvinculação do conjunto dos exercícios relativamente ao princípio do conhecimento de si como elemento divino. Pois bem, é esta dupla desvinculação, creio eu, que esteve no ponto de partida da fortuna histórica destes exercícios e, paradoxalmente, de sua fortuna histórica no próprio cristianismo” (p. 509).

6. Explicação da fortuna cristã da ascética helenística e romana: a rejeição da gnose

A espiritualidade cristã, desenvolvida no meio monástico “tinha um veio polêmico”. Tinha uma linha estratégica que era a linha de divisão com a gnose, uma gnose que, por sua vez, era fundamentalmente neoplatônica na medida em que a trama de toda a espiritualidade gnóstica, (...) consistia precisamente em centrar tudo o que podia ser ascese em torno do conhecimento e centrar (da “gnose”) e centrar todo o conhecimento no ato pelo qual a alma se reconheceria a si mesma, e se reconheceria como elemento divino. Era este o centro da gnose, e o cerne, de certo modo, neoplatônico (p. 510).

Assim, o cristianismo a partir do século IV passa a ser antignóstico, as instituições monásticas recorrem à ascética estóica e cínica, distinguindo-se em certa medida do neoplatonismo. Essa ascética filosófica se prestou ao cristianismo como “a garantia técnica de não cair na espiritualidade gnóstica” (p. 511), pois o que era colocado em prática em grande parte, “de modo algum eram da ordem do conhecimento. E, precisamente, toda a importância destes exercícios, por exemplo, de abstinência, de prova, etc.” (p. 511). (Cristianismo → manuais de existência de exercícios para cada hora do dia, para a semana, para o mês, para toda a vida, p. 512).

7. A obra de vida

Para os estóicos os exercícios são mais livres, sendo assim, mais do que uma regra, uma arte de viver (*tékhnē tou bíou*). “Fazer da própria vida objeto de uma *tékhnē*, portanto, fazer da

própria vida uma obra – obra que seja bela e boa – implica necessariamente a liberdade e a escolha daquele que utiliza sua *tékhne*. Se a *tékhne* devesse ser um *corpus* de regras às quais seria preciso submeter-se de ponta a ponta, minuto a minuto, instante a instante, se nela não houvesse precisamente esta liberdade do sujeito, fazendo atuar sua *tékhne* em função de seu objetivo, dos desejo, de sua vontade de fazer uma obra bela, não haveria aperfeiçoamento da vida. Penso ser este um elemento importante, que deve ser bem compreendido, porque se trata justamente de uma das linhas de divisão entre estes exercícios filosóficos e o exercício cristão” (p. 513).

REGRA ≠ FORMA – “a vida filosófica, ou a vida tal como é definida, prescrita pelos filósofos como sendo aquela que se obtém graças à *tékhne*, não obedece a uma *regula* (uma regra): ela obedece a uma *forma*. É um estilo de vida, uma espécie de forma que se deve conferir à própria vida” (p. 514).

Singularidade – sujeito – lei -

8. **As técnicas de existência, exposição de dois registros: o exercício pelo pensamento; o treino em situação real**

Meletân: (meditar, exercitar-se em pensamento) “um trabalho de pensamento, mas que tem essencialmente por função preparar o indivíduo para aquilo que ele em breve deverá realizar” (p. 515).

Gymnázein (exercitarmos realmente): “indica o fato de se fazer ginástica para si mesmo, significando propriamente “exercitar-se”, “treinar-se” e que, parece-me, reportar-se mais a uma prática em situação real. *Gymnázein* é estar efetivamente em presença de uma situação (p. 515).

9. **Os exercícios de abstinência: corpo atlético em Platão e corpo resistente em Musonius Rufus**

A ascética deve incluir o próprio corpo para o desenvolvimento da virtude.

Há exercícios para a alma e para o corpo e para a alma.

Exercícios para a alma e para o corpo: objetiva-se formar e reforçar a coragem (*andreía*) e a temperança (*sophrosýne*).

Para Musonius: “a *andreia* permite suportar o que vem do mundo exterior, e a *sophrosyne* permite medir, regradar e dominar todos os movimentos interiores, os movimentos de si mesmo” (p. 517). Assim, para formar um bom cidadão, forma-se o domínio de si (*enkráteia*).

Para Platão: “o que assegurará as duas virtudes (...) são os exercícios físicos, exercícios de ginástica, literalmente” (p. 518).

Em Musonius desaparece toda e qualquer dietética relacionada exclusivamente à ginástica. Para se atingir as virtudes, é necessário a abstinência, “um regime de resistência em relação à fome, ao frio, ao calor, ao sono. Há que habituar-se a suportar a fome, a suportar a sede, a suportar o excesso de frio e o excesso de calor. Há que habituar-se a dormir em leito duro. Há que habituar-se a roupas rudes e insuficientes, etc. (...) não é o corpo atlético, desafio ou ponto de aplicação da ascese física ou psicomoral, mas um corpo de paciência, um corpo de resistência, um corpo de abstinências. (...) É o que igualmente encontraremos na maior parte dos textos estoicos e cínicos” (p. 518).

Também aparece em Sêneca: os exercícios não como uma regra, “assim era para os cínicos, e assim será certamente no monasticismo cristão. Não se trata de converter-se à abstinência, mas de integrar a abstinência como uma espécie de exercício recorrente, regular, que retomamos de tempos em tempos e que justamente permite dar uma forma à vida, isto é, que permite ao indivíduo ter, [em face] dele mesmo e [dos] acontecimentos que constituem sua vida, a atitude que convém: suficientemente desprendida para suportar o infortúnio quando ele ocorre; mas tão suficientemente desprendida que considere as riquezas e os bens que nos cercam apenas com a indiferença e com a justa e sábia desenvoltura que é necessária” (p. 520). Esta forma de existência “de não conceder ao próprio corpo senão aquilo que é necessário para bem se portar. Aplica-lhe de tempos em tempos um tratamento um pouco rude para que ele obedeça bem à alma, para que o alimento mitigue a fome, a bebida aplaque a sede, a roupa afaste o frio, a casa seja um abrigo contra [intempéries]” (p. 520).

10. A prática das provas e suas características

Prova enquanto interrogação de si: “busca-se medir em que ponto se está em relação àquilo que se era, em relação ao progresso já feito, e em relação ao ponto a que se deve chegar” (p. 522). Demarcação de si. Ex.: o controle da paciência, da cólera, renunciar ao lucro.

Prova como exercício duplo (da realidade e do pensamento): “não se trata apenas de impor-se uma regra de ação ou de abstenção, mas de elaborar ao mesmo tempo uma atitude interior. É preciso confrontar-se com o real, e também controlar o pensamento no próprio momento em que se é confrontado com o real” (p. 523). Ex.: controle da paixão.

11. A própria vida como prova

“A vida deve ser reconhecida, pensada, vivida, praticada como uma perpétua prova” (p. 531).

12. O *De providentia* de Sêneca: a prova de existir e sua função discriminante

- Deus-Pai ≠ Mãe. Pai ligado à educação e a mãe é indulgente.

- Uma das funções do Pai é “velar para que sejam formados, formados como convém, isto é, impondo-lhes fardos, dificuldades, até mesmo sofrimentos que poderão preparar as crianças para os fardos reais, para as dores efetivas, para os infortúnios e as tristezas que lhes possam advir” (p. 532).

- Paradoxo/Pai-Deus: homens de bem (“esforçando-se muito para tanspor as estradas escarpadas da vida) x homens maus (descansando, passando a vida em delícias), p. 532-3.

- 1ª ideia: “a vida com todo o seu sistema de provas e de infortúnios, a vida por inteiro, é uma educação (como em Alcibíades). Portanto, “Coextensividade entre vida e formação, é esta a primeira característica da vida-prova” (p. 534).

- 2ª ideia: “A vida como prova é reservada, é feita para as pessoas de bem. E isto de tal maneira que as pessoas de bem se distinguem das outras, na medida precisamente em que as pessoas que não são boas (as más) não apenas não vencem a prova, ou não reconhecem na vida uma prova, como a vida para elas sequer é organizada como prova”. O que Sêneca nos mostra no “*De providentia* é o princípio pelo qual a prova constitui a forma ao mesmo tempo geral, educadora e discriminante da vida” (p. 534).

13. Epicteto e o filósofo-explorador

“Epicteto afirma: há homens que são tão virtuosos por natureza, que já mostraram tão bem a sua força, que o Deus, no lugar de deixá-los viver no meio dos outros homens, com as vantagens e os inconvenientes da vida ordinária, envia-os como exploradores para os maiores

perigos, as maiores dificuldades. E são estes exploradores da tristeza, exploradores do infortúnio, exploradores do sofrimento que, por um lado, realizarão por si mesmos estas provas, particularmente rudes e difíceis, e, por outro, como bons exploradores, retornarão em seguida à cidade de onde saíra, a fim de dizer a seus concidadãos que afinal não precisam preocupar-se tanto com aqueles perigos que tanto temiam, já que eles próprios os experimentaram. Enviados como exploradores, enfrentaram estes perigos, puderam vencê-los e, tendo-os vencido, os outros também os poderão vencer” (p. 535).

14. A transfiguração dos males: do antigo estoicismo a Epicteto

“Não podemos mais considerar estas provas, estes infortúnios como males. Somos obrigados a considerar que são bens, bens dos quais devemos tirar proveito e utilidade para a formação do indivíduo. Não há uma única dentre as dificuldades que encontramos que, justamente enquanto dificuldade, enquanto sofrimento, enquanto infortúnio, não seja um bem. Epicteto afirma: podemos tirar proveito de todas as dificuldades, de todos os embaraços” (p. 536). Ex.: se o vizinho é mau, exercita minha doçura. O MAL AO MENOS ONTOLOGICAMENTE NÃO É MAIS UM MAL (p. 537).

15. A prova na tragédia grega

“A prova na tragédia grega é uma espécie de braço-de-ferro entre homens e deuses” (p. 539).

“Édipo em Colona chega enfim, extenuado pelas provas, ao lugar que será o de sua morte. E chega podendo dizer, no final da batalha em que foi vencido, mas da qual ainda assim sai engrandecido: De tudo isto eu era inocente. Ninguém pode me censurar. Quem não teria matado um velho insolente como fiz, não sabendo que era o próprio pai? quem não teria desposado uma mulher, não sabendo que era sua mãe? De tudo isto eu era inocente, e os deuses me perseguiram com uma vingança que não podia ser e que não era uma punição” (p. 539).

16. Observações sobre a indiferença da preparação de existência helenística aos dogmas cristãos da imortalidade e da salvação

Foucault aponta para alguns problemas de ordem teórica acerca da vida-prova.

“para que prepara a preparação da vida? Trata-se certamente da questão da imortalidade, da salvação, etc. a questão da discriminação, por sua vez, é a questão fundamental em torno da qual por certo concentrou-se o essencial do pensamento cristão: o que é a predestinação? O que é a liberdade do homem diante da onipotência divina? O que é a graça? (...). Temos assim a transferência destas questões e, ao mesmo tempo, uma economia inteiramente diferente, tanto na prática quanto na teoria” (p. 542).

17. A arte de viver e o cuidado de si: uma inversão de relação

“desde a época clássica, parece-me, o problema estava em definir uma certa técnica da existência. E, como lembramos, foi no interior desta questão geral que se formulou o princípio “ocupar-se consigo mesmo”. Os seres humanos, seu *bíos*, sua vida, sua existência são tais que não podem eles viver sua vida sem referir-se a uma certa articulação racional e prescritiva que é a da *tékhne* (p. 542). –

“A *tékhne* toû bíou inscreve-se na cultura grega clássica, creio, no vazio deixado tanto pela cidade quanto pela lei e pela religião, no tocante à organização da vida. Para um grego, a liberdade humana encontra sua obrigação não tanto ou não apenas na cidade, não tanto ou não apenas na lei, tampouco na religião, mas na arte de si que nós mesmos praticamos” (p. 543).

“A técnica da vida que se inscreve por inteiro no quando doravante autonomizado em relação ao cuidado de si. [O que] se depreende da ideia de que a vida deve ser assumida como uma prova? Qual o sentido e o objetivo da vida com seu valor formador e discriminante, da vida inteira considerada como prova? Precisamente, formar o eu. (...) Deve-se viver de modo que se tenha consigo a melhor relação possível. Diria, finalmente, numa palavra: vive-se “para si”. (...) eu mesmo, que decifrarei estes infortúnios como provas e exercícios para meu aperfeiçoamento, entre este Deus e eu, só se trata doravante de mim mesmo. Parece que este é um acontecimento relativamente importante, penso eu, na história da subjetividade ocidental” (p. 544).

18. Sinal desta inversão: o tema da virgindade no romance grego

A virgindade nos romances gregos parece ser, “como a forma visível da relação consigo, da relação consigo em sua transparência e em seu domínio. Vemos surgir aqui, como figura

metafórica da relação consigo, o tema tão fundamental da virgindade, que reencontraremos na espiritualidade cristã e que terá tantas consequências. (...) A manutenção desta virgindade, a meu ver, não é senão a expressão figurada daquilo que, ao longo das atribulações da vida, deve ser preservado e mantido até o fim: a relação consigo” (p. 546).